

Evanio G. Magalhães

A VERACIDADE DAS ESCRITURAS



A Veracidade das Escrituras.

e-book gratuito



Capa e texto: Evanio Giraldi Magalhães
Direitos reservados.
Ano: 2022

Venda Proibida!

A distribuição na versão digital é gratuita pelo site:
www.fesalvacaoeobras.com

A Veracidade das Escrituras

Sumário

Introdução	6
Argumentos contra as Escrituras.	6
Como responder tão graves acusações?	7
1 – A superioridade do registro bíblico.	7
2 – A historicidade de Jesus Cristo.	7
3 – A qualidade moral da Bíblia frente ao código de Hamurabi.	10
4 – O paralelismo do registro bíblico com demais registros históricos.	11
5 – Como garantir que a Bíblia não foi adulterada?	12
6 – A moral apresentada pela Bíblia não é tão justa quanto a que a sociedade atual atingiu.	14
Conclusão	16

Introdução

A Bíblia é a base da fé cristã. Mesmo que haja diferenças doutrinárias, baseadas na interpretação de passagens bíblicas, a Bíblia é o centro da fé cristã. Todas as denominações cristãs alegam sua posição de respeitar a Bíblia como sua única fonte de doutrinas.

Rapidamente, os inimigos do cristianismo entenderam que, para combater a fé cristã, basta desacreditar a Bíblia, onde se baseiam as doutrinas e declarações de fé das diversas correntes doutrinárias do cristianismo.

Baseado nesta premissa, os inimigos do cristianismo têm desferido vários ataques à autenticidade, veracidade e integridade da Bíblia. São teólogos do islamismo, comunistas, naturalistas, ateus, que em diversas correntes, e em diversos argumentos, tentam deslegitimar as Escrituras com a finalidade de corroer a fé dos cristãos. No fundo sabemos que a nossa batalha é espiritual, e que por detrás de nossos inimigos está Satanás tentando expandir o reino das trevas.

Mas, apesar de reconhecermos ser esta uma batalha espiritual, precisamos lidar com os argumentos racionais apresentados contra a nossa fé. E é com o intuito de oferecer ferramentas e informações adequadas à defesa da fé que estamos apresentando este estudo.

Argumentos contra as Escrituras.

A Bíblia é como outros livros antigos, repleta de mitos¹ e superstições.

Este é o argumento mais comum que vemos em nossos dias para tentar desqualificar a Bíblia, não precisa de muita pesquisa para vermos o esforço de alguns “especialistas” em tentar colocar a Bíblia como mais um livro repleto de mitos e lendas.

Alguns estudiosos alegam que a história de Jesus é uma releitura da história mitológica² de Hórus, divindade egípcia do período ptolomaico (séc IV a.C.), ou ainda, que tem profundas raízes na história de Tamuz, uma antiga divindade suméria.

Outros estudiosos apontam que a estrutura de mandamentos existentes na Torá não passa de uma releitura mais elaborada do código de Hamurabi, que é o conjunto de leis mais antigo descoberto pela arqueologia. Hamurabi foi um antigo rei babilônico que reinou por volta de 1.772 a.C.

Nesta mesma linha, há estudiosos que afirmam que a história do dilúvio que temos na Bíblia, é um plágio de outros registros anteriores à Bíblia, e presente em diversas culturas, como a suméria.

Estes mesmos estudiosos alegam que a abertura do mar vermelho e as pragas do Egito nunca existiram de fato, que os hebreus nunca foram escravos no Egito, e que não foi Moisés quem escreveu a Torá, aliás, provavelmente nem tenha existido um homem chamado Moisés.

¹ Definição de Mito (diferente de mentira): é uma primeira narrativa sobre o mundo, uma primeira atribuição de sentido ao mundo, na qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel. Sua função principal não é propriamente a de explicar a realidade, mas a de adaptar psicologicamente o homem ao mundo. O mito primitivo é sempre um mito coletivo.

² Teoria do mito de Jesus admitem até que pode ter havido um Jesus histórico, mas que a história narrada pelos evangelhos é um mito construído. Podemos ver a aplicação desta ideologia na atualidade em livros e filmes como o “Código da Vinci” de Dan Brown.

Segundo esses autores, a Bíblia é apenas um reconto de lendas antigas de vários outros povos. De acordo com essa corrente ideológica, conforme o povo hebreu foi tendo contato com outras culturas e povos, especialmente os babilônicos, eles fizeram adaptações desses mitos na sua própria cultura, na tentativa de se afirmarem diante das demais nações.

Apesar de muitos desses argumentos parecerem estapafúrdios para aqueles que amam a Deus e conhecem a sua palavra, não podemos nos negar de dar respostas satisfatórias a esses argumentos, apresentando a defesa³ racional de nossa fé.

Como responder tão graves acusações?

1 – A superioridade do registro bíblico.

As muitas descobertas arqueológicas do século XX fizeram serem conhecidas várias histórias e lendas antigas, de povos que habitaram a região da mesopotâmia, do Egito, e da terra de Israel.

Em uma primeira leitura sobre esses documentos é possível perceber uma grande distância entre a literatura bíblica e as literaturas destes registros mitológicos dos povos antigos. A primeira diferença gritante entre a Bíblia e os registros mitológicos é que, todos esses registros, sem exceção, são politeístas, e a Bíblia é o único documento monoteísta daquele tempo naquela região.

Além disto, a análise literária⁴ aponta que, os registros mitológicos se apresentam como tais, em formas de poesias e contos, o que também destoa da narrativa bíblica, que discursa sobre fatos e realidades narradas, registrando eventos paralelos com a finalidade de destacar tal evento numa linha do tempo, além de citações de pessoas e locais que pudessem ser verificadas. Desta forma, a narrativa bíblica demonstra que seus escritores estavam preocupados em narrar fatos que pudessem ser verificados, e não apresentando contos.

E de fato, as localidades e pessoas citadas na Bíblia podem ser verificadas pela história e pela arqueologia moderna. O que vem a corroborar em favor do relato bíblico como sendo um registro verdadeiro de fatos.

2 – A historicidade de Jesus Cristo.

Um dos personagens especiais é a pessoa de Jesus. Temos ao menos três historiadores contemporâneos que narram sua existência e aspectos relevantes da sua obra.

O historiador romano Tácito referiu-se a "Christus" e sua execução por Pôncio Pilatos em seus Anais (escrito c. 116 d.C.):

"[...] odiava uma classe por suas abominações, chamada cristã pela população. Christus, de quem o nome teve sua origem,

³ "Apologética cristã é um ramo da teologia cristã que busca dar um aval racional para as alegações do cristianismo. E, embora não indispensável, a ela pode ser de grande utilidade e benéfica". William Lane Craig.

⁴ A análise literária é o processo de compreensão de uma obra de ficção. Etapas Análise das personagens: física; psicológica; da protagonista; da antagonista; das personagens secundárias. Análise de tempo e espaço. Relacionar com o contexto histórico da época.

sofreu a penalidade extrema durante o reinado de Tibério nas mãos de um dos nossos procuradores, Pôncio Pilatos.” – Tácito, Anais, livro XV, parágrafo 44.

O tom muito negativo dos comentários de Tácito sobre os cristãos faz a maioria dos especialistas acreditar que é extremamente improvável que a passagem tenha sido forjada por um escriba cristão. A referência de Tácito é agora amplamente aceita como uma confirmação independente da crucificação de Cristo, embora alguns estudiosos insistem em questionar a autenticidade e valor histórico da passagem em vários campos.

Na mesma linha encontramos o registro de Suetônio.

Suetônio ocupa um lugar importante na história dos historiadores em função de suas biografias sobre doze Imperadores Romanos, de Júlio César a Domiciano, obra denominada *De Vita Caesarum*, escrito provavelmente durante o período de Adriano. Nessa mesma obra encontramos a seguinte citação:

“Como os judeus, por instigação de Chrestus, estivessem constantemente provocando distúrbios, ele [Claudio] os expulsou de Roma” – Vida de Cláudio, 25.4. Extraído de: MACDOWELL, Josh, Evidências que exigem um veredito, Cadeia, 1992, p.106

Nesta citação fica destacado o erro ortográfico “Chrestus” ao invés de “Christus” o que demonstra que Suetônio não tinha familiaridade alguma com o tema. Apenas se limitou a registrar que, devido a uma instigação gerada por alguém chamado “Chrestus” os judeus provocaram tantos distúrbios que o imperador Cláudio decidiu por expulsar todos os judeus de Roma.

Este relato, além de registrar a existência de alguém chamado Cristo, registra os distúrbios causados entre os judeus por causa deste nome em Roma. Mas as confirmações referentes à Bíblia não param por aí. Este fato, a expulsão dos judeus de Roma pelo imperador Cláudio, é registrado também no livro de Atos dos Apóstolos:

“E, achando um certo judeu por nome Áqüila, natural do Ponto, que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher (pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma), juntou-se com eles” Atos 18:2.

Flávio Josefo, foi um historiador judeu que viveu de 37 até o ano 100, de acordo com os textos que chegaram até nós teria se referido a Jesus como o Cristo em seu livro *Antiguidades Judaicas*:

"Havia neste tempo Jesus, um homem sábio [, se é lícito chamá-lo de homem, porque ele foi o autor de coisas admiráveis, um professor tal que fazia os homens receberem a verdade com prazer]. Ele fez seguidores tanto entre os judeus como entre os gentios. [Ele era o Cristo.] E quando Pôncio Pilatos, seguindo a sugestão dos principais entre nós, condenou-o à cruz, os que o amaram no princípio não o esqueceram; [porque ele apareceu a eles vivo novamente no terceiro dia; como os divinos profetas tinham previsto estas e milhares de outras coisas maravilhosas a respeito dele]. E a tribo dos cristãos, assim chamados por causa dele, não está extinta até hoje." – Josefo, Antiguidades judaicas, livro XVIII, parágrafos 63 e 64.

Este texto de Flavio Josefo é muito criticado, alegando que este documento havia sofrido interpolações e adulterações (destacado no texto acima por []) por cristãos após o século VI, visto que Eusébio⁵ de Cesareia teria sido um dos poucos autores a fazer citação a este texto de Josefo.

No entanto, no século XX foram descobertos manuscritos que reforçam a credibilidade deste texto. Um destes manuscritos, datados do século V (antes de Eusébio).

De qualquer forma, mesmo desconsiderando os trechos acusados de terem sido interpolados, o registro aponta a existência de alguém chamado Jesus, que tinha seguidores tanto entre judeus como entre os gentios, que foi condenado à morte por crucificação por Pôncio Pilatos, e que seus discípulos não abandonaram sua lealdade a Jesus.

Mas alguns alegam que esses registros se deram décadas após os fatos acerca de Jesus. Isso é verdade, mas em termos de historiografia, é extremamente comum encontrarmos registros históricos de personagens muitas décadas, e até séculos, após os fatos.

O exemplo mais emblemático é Alexandre o Grande. A história das grandes conquistas do imperador grego, e que mudou completamente o cenário do mundo, expandindo a cultura grega helenista a quase todo o mundo conhecido da época, só teve seu registro histórico datado quase quatrocentos anos após sua morte.

Assim, ter um registro histórico de algumas décadas após os fatos, é um registro considerado contemporâneo⁶.

Outro ponto em favor a historicidade de Jesus é o próprio cristianismo. Segundo o estudo realizado por Simon Greenleaf, um dos principais fundadores da universidade de direito de Harvard. Ele se dedicou a analisar o testemunho dos evangelhos segundo as regras de análise testemunhal aplicado nas cortes de justiça dos Estados Unidos. Sua especialidade como jurista era exatamente esta. Suas análises resultaram no livro "The testimony of the Evangelists by the rules of evidence administered in the courts of justice" (O Testemunho dos Evangelistas, examinado pelas Regras de Provas Administradas nos Tribunais de Justiça). A conclusão do seu trabalho foi:

⁵ Eusébio de Cesareia foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do cristianismo primitivo.

⁶ O historiador mais antigo a registrar as histórias de Alexandre Magno foi Plutarco, que nasceu em 46d.C e morreu em 120d.C.

“Se Jesus não, houvesse realmente ressuscitado dos mortos, e seus discípulos não tivessem conhecido, esse fato com tanta certeza quanto conheciam qualquer outro fato, ter-lhe-ia sido impossível persistir nas afirmações das verdades que narraram.”

Desta forma, a existência do cristianismo só pode ser explicada pela realidade histórica da pessoa de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição. Essas observações colocam Jesus como o personagem da humanidade mais historicamente comprovado de todos os tempos⁷.

Da mesma forma como podemos comprovar a historicidade de Jesus, outros personagens bíblicos podem ter sua historicidade comprovada por meio da historiografia e da arqueologia.

3 – A qualidade moral da Bíblia frente ao código de Hamurabi.

Quando lemos o código de Hamurabi vamos encontrar um conjunto de regras onde quase todos os crimes eram punidos com a morte. É um código que apresenta em algum nível alguma busca pela justiça, mas não chega nem perto da qualidade moral e de justiça que é apresentada na Torá.

Abaixo segue um pequeno quadro comparativo entre o código de Hamurabi e a Torá:

Código de Hamurabi	Torá
Pena de morte para roubo de templo ou propriedade estatal, ou por aceitação de bens roubados. (Seção 6)	Roubo punido por compensação à vítima. (Ex. 22:1-9)
Morte por ajudar um escravo a fugir ou abrigar um escravo foragido. (Seção 15, 16)	"Você não é obrigado a devolver um escravo ao seu dono se ele foge do dono dele para você." (Deut. 23:15)
Se uma casa mal construída causa a morte de um filho do dono da casa, então o filho do construtor será condenado à morte (Seção 230)	"Pais não devem ser condenados à morte por conta dos filhos, e os filhos não devem ser condenados à morte por conta dos pais." (Deut. 24:16)
Mero exílio por incesto: "Se um senhor (homem de certa importância) teve relações com sua filha, ele deverá abandonar a cidade." (Seção 154)	Extirpação por incesto. (Lev. 18:6, 29)
Distinção de classes em julgamento: Severas penas para pessoas que prejudicam outras de classe superior. Penas médias por prejuízo a membros de classe inferior. (Seção 196–;205)	Não farás acepção da pessoa pobre, nem honrarás o poderoso. (Lev. 19:15)

⁷ Recomento a leitura do livro "Evidências da Ressurreição – McDowell, Josh, editora CPAD.

Assim, vemos que a Torá apresenta um conjunto de Leis e moral muito superior àquela apontada por Hamurabi para o seu reino. Além disto, a Torá apresenta ao centro de sua composição a sujeição à Deus acima de qualquer outro princípio, o que é de fato uma inovação frente aos demais códigos legais dos reinos antigos que ordenavam a sujeição ao imperador, ou ao rei, reconhecendo-o como um representante dos deuses.

4 – O paralelismo do registro bíblico com demais registros históricos.

Há muitas histórias bíblicas que aparecem no registro histórico e cultural de outras nações, como por exemplo o reinado de Nabucodonozor e seus feitos. Mas nenhum registro é tão emblemático quanto o registro do dilúvio.

Desde os Incas, na América do Sul, até os sumérios⁸, passando pelos chineses e gregos, todos os povos antigos contam a respeito de uma grande inundação que atingiu toda a terra, da qual apenas uma família sobreviveu.

O nome dos personagens, e alguns detalhes pitorescos, mudam de nação para nação, mas todos os relatos preservam um centro comum: houve uma inundação que atingiu toda a terra da qual apenas uma família saiu sobrevivente em uma grande embarcação.

Mas, ao contrário do que alegam os críticos da Bíblia, esta coincidência de relatos não contradiz as Escrituras, mas a confirma. Se várias pessoas presenciarem um acontecimento, cada uma dará sua versão para aquele acontecimento, podendo até, em seus detalhes, serem contradizentes, mas esses relatos corroborarão para a aceitação de que o fato narrado aconteceu.

A comparação direta entre o relato da Bíblia e os relatos dos povos sobre o dilúvio, demonstram que a Bíblia trata o assunto com maior simplicidade, sem grandes detalhes como fazem as demais narrativas, isso é próprio de quem está apenas estabelecendo um fato.

Além disso, evidências geológicas atestam que sim, é perfeitamente possível que a terra tenha sido totalmente coberta por água salgada.

Durante sua viagem expedicionária Charles Darwin encontrou conchas marinhas aprisionadas em rochas a quatro mil metros de altitude. Isso quer dizer que essas rochas que agora estão a quatro mil metros de altitude, um dia já estiveram submersas nas águas do oceano. Claro que as conclusões de Darwin não foram neste sentido.

O mesmo pode ser dito a respeito dos eventos ligados às pragas do Egito.

Os críticos da Bíblia dizem que não há registros históricos de que o Egito tenha sido assolado por tais pragas, que seria a ruína no maior império da época. No entanto, em 1820 os arqueólogos descobriram um papiro que possuía a cópia de uma poesia de Ipuwer⁹, onde, entre lamentos encontramos o seguinte texto:

⁸ Epopeia de Gilgamesh é um conjunto de vários contos sumérios, onde é narrada a história de Shuruppak que recebeu a ordem de construir uma arca no meio do deserto a fim de salvar a si e seus familiares, bem como alguns animais, de uma grande inundação. Este é o relato mais antigo de um dilúvio datado de 2.700a.C.

⁹ O Papiro Ipuur é um papiro egípcio antigo em hierático feito durante a XIX dinastia, hoje mantido no Museu Nacional de Antiquidades de Leiden, Países Baixos. Uma cópia deste documento pode ser visualizada no museu de arqueologia bíblica da Unasp de Pedro Coelho.

“Os estrangeiros vieram para o Egito...[eles] têm crescido e estão por toda parte... o Nilo tornou-se em sangue... [as casas] e as plantações estão em chamas... A casa real perdeu todos os seus escravos... os mortos estão sendo sepultados pelo rio... os pobres estão se tornando os donos de tudo... os primogênitos dos nobres estão morrendo inesperadamente... [o nosso] ouro está no pescoço dos [escravos]... o povo do oásis está indo embora e levando as provisões para o seu festival [religioso]”

Não precisa de muita reflexão para percebermos uma clara referência ao registro bíblico das pragas derramadas por Deus ao Egito para libertar seu povo.

Essas evidências só veem a corroborar com a autenticidade da Bíblia.

5 – Como garantir que a Bíblia não foi adulterada?

Outro questionamento frequentemente levantado para tentar deslegitimar a Bíblia é quanto à sua integridade. Afinal, o que garantiria que a Bíblia que temos hoje em nossas mãos é a mesma que foi escrita há milênios?

Para analisarmos esta questão a fundo, precisamos primeiro separar o antigo do novo testamento, pois, apesar de fazerem parte da mesma Bíblia, tiveram sua composição e organização de forma bastante distinta.

O antigo testamento é a Tanach, a Bíblia hebraica, e começou a ganhar a forma que conhecemos hoje nos dias de Esdras, o escriba que retornou da Babilônia com a finalidade de restaurar o culto em Jerusalém (Esdras 7:6).

Naquela época a Torá (cinco primeiros livros) era, sem sombra de dúvida, aceita por todos como um documento inspirado por Deus, dado por intermédio de Moisés. Mas havia dúvidas quanto à inspiração de outros livros, especialmente aqueles produzidos no período do cativo babilônico, e após.

A partir de Esdras iniciou-se um trabalho que foi levado por sacerdotes e escribas, com a intenção de selecionar os livros que pudessem ser considerados inspirados. Foram estipuladas algumas regras, dentre elas, o livro deveria ter sido originalmente escrito na língua hebraica. O trabalho destes sacerdotes culminou com o reconhecimento de 24 livros, que depois foram reorganizados em 39 livros nas Bíblias atuais, isso porque os livros como “1º Reis” e “2º Reis”, apareciam apenas como “Reis”.

No entanto, esses livros não haviam sido juntados em um único volume como temos hoje, mas os escribas faziam as cópias de cada livro separadamente, com exceção ao Rolo da Torá, que era mantido unidos.

O trabalho dos escribas era meticuloso. Se durante o processo de cópia o escriba errasse alguma coisa, todo o seu trabalho era destruído, e começava do zero outra cópia. Todo o trabalho era meticulosamente vistoriado para evitar qualquer cópia fraudulenta.

Até mesmo traçados que não tinham nenhum valor semântico óbvio era reproduzido pelos escribas. Isso proporcionou um grande volume de documentos destes livros que eram reproduções fiéis.

Três séculos antes do nascimento de Jesus, alguns judeus em Alexandria, norte da África, decidiram por traduzir os livros sagrados para a língua grega, surgindo assim a septuaginta. Essa tradução grega do Tanach foi de grande valor para os cristãos gentios, que tinham familiaridade com o grego.

Depois da destruição do Templo de Jerusalém, os rabinos organizaram o concílio de Jâmnia¹⁰, onde, um dos principais trabalhos, foram reafirmar o cânon e estabelecer as bases para a fé judaica que seguiria a partir de então em uma longa diáspora.

Neste período o novo testamento já estava todo escrito, mas ainda não havia sido formado. As comunidades cristãs, à exemplo do que os escribas judeus faziam, prezou por produzir cópias das cartas dos apóstolos, dos evangelhos e demais documentos que era frequentemente trocado entre as igrejas.

Por volta do final do segundo século, Marcião¹¹ foi o primeiro a propor uma lista de livros inspirados que comporiam o futuro novo testamento. Mas esse processo de seleção e organização dos livros se arrastou por séculos. Somente em meados do século III temos uma definição mais clara a respeito da formação do novo testamento composto pelos 27 livros.

Mas foi no século IV que Jerônimo, ao fazer a tradução da Bíblia para o Latim, a conhecida Vulgata Latina, todos os 39 livros do antigo testamento, e 27 livros do novo testamento¹², foram organizados em um único volume como temos hoje.

Neste período foram produzidas centenas de cópias das quais temos hoje muitos fragmentos e cópias completas. E através da crítica textual, os estudiosos conseguem realizar a validação dos trechos originais, e aqueles que foram interpolados com o tempo.

Mesmo assim os críticos da Bíblia insistiram que não era possível ter certeza de que os textos bíblicos haviam se mantido inalterados ao longo de quase dois mil anos de história do cristianismo, até que em 1940, nas cavernas de Qumrã¹³, foram encontrados 900 manuscritos antigos, alguns datados do século III a.C., contendo todos os livros do antigo testamento, exceto Ester e Neemias, além de outros muitos documentos ligados à história e a fé judaica.

Ao comparar esses manuscritos com os originais que temos em mãos, a assertividade foi de 96%. Os 4% de discrepância identificados foram em assuntos periféricos ou claros erros ortográficos.

¹⁰ Concílio de Jamnia, realizado em Yavneh, na Terra Santa, foi um concílio rabínico farisaico, ocorrido entre o final do Século I d.C. e o início do Século II d.C. Um dos focos da revisão da canonicidade dos textos se deu para fazer frente à seita dos Nazarenos (Judeus crentes em Jesus).

¹¹ Marcião (ou Marcion) foi considerado o principal herege da igreja primitiva, sua teologia era de que existia dois deuses, o do antigo testamento e outro do novo testamento. Sua iniciativa de montar um cânon se deu justamente para sustentar suas heresias.

¹² A Vulgata Latina também tinha os 7 livros deuterocanônicos (apócrifos), porém havia a recomendação expressa de que estes livros não poderiam ser usados como fonte de doutrina. Somente no concílio de Trento (1545-1563) os livros deuterocanônicos foram oficialmente incorporados na Bíblia Católica.

¹³ Os manuscritos de Qumrã estão atualmente guardados no Santuário do Livro do Museu de Jerusalém. Os livros foram produzidos pela comunidade dos Essênios entre o século II a.C. e o ano 70 d.C.

Assim, podemos concluir que há provas robustas de que a Bíblia que temos hoje em nossas mãos foi preservada integralmente, sendo o documento antigo mais preservado conhecido pela humanidade.

6 – A moral apresentada pela Bíblia não é tão justa quanto a que a sociedade atual atingiu.

Outra questão frequentemente levantada pelos críticos da Bíblia é sobre a moral apresentada em suas leis. Segundo esses críticos, a moral apresentada pela Bíblia é no mínimo duvidosa comparada à moral da sociedade contemporânea. A nossa sociedade atingiu um grau de maturidade e moralidade que dispensa velhas regras e hábitos apresentados na Bíblia.

Para eles, a Bíblia apresenta uma moral misógina, homofóbica, patriarcal. Coisas que nossa sociedade já superou. E, portanto, os ensinamentos da Bíblia não são aplicáveis à uma sociedade moderna e evoluída.

Para sustentar tais argumentos, os críticos da Bíblia apresentam alguns mandamentos tidos como controversos pelo senso comum de nossa época. Isso quando não descontextualizam os mandamentos para fazerem os ensinamentos da Bíblia parecerem um tanto monstruosos se comparado ao nosso senso de moral.

Um exemplo dessa perversão que fazem é a afirmação de que a Bíblia aprova o estupro, e ordena que a mulher estuprada se case com seu estuprador. O texto citado para sustentar essa afirmação é Deuteronômio 22:28-29, onde diz:

*“Quando um homem achar uma moça virgem, que não for desposada, e pegar nela, e se deitar com ela, e forem apanhados então o homem que se deitou com ela dará ao pai da moça cinquenta siclos de prata; e porquanto a humilhou, lhe será por mulher; não a poderá despedir em todos os seus dias.”
Deuteronômio 22:28,29.*

No entanto, uma leitura mais cuidadosa deste texto, veremos que essa interpretação não condiz com o restante do capítulo. No verso 26, onde realmente o texto está falando de estupro, a Bíblia compara o estupro ao assassinato, isso para justificar a pena de morte a ser aplicada ao estuprador.

*“E se algum homem no campo achar uma moça desposada, e o homem a forçar, e se deitar com ela, então morrerá só o homem que se deitou com ela; porém à moça não farás nada. A moça não tem culpa de morte; porque, como o homem que se levanta contra o seu próximo, e lhe tira a vida, assim é este caso.”
Deuteronômio 22:25,26.*

Mas o texto nos versos 28 e 29 não estão lidando com estupro, e sim com relação consensual. Além de percebermos isso claramente nas expressões hebraicas que aparecem nestes versos, devemos nos lembrar que o livro de Deuteronômio é na verdade a repetição das leis dadas até então ao povo de Israel nos demais livros da Torá. E em Êxodo encontramos esta mesma lei:

“Se alguém enganar alguma virgem, que não for desposada, e se deitar com ela, certamente a dotará e tomará por sua mulher. Se seu pai inteiramente recusar dar-lha, pagará ele em dinheiro conforme ao dote das virgens.” Êxodo 22:16,17.

Assim, vemos que o mandamento está se referindo a situação de um casal de solteiros, que tem uma relação antes do matrimônio, e que, nesta situação, se os pais da moça aceitarem, deveriam se casar.

Por outro lado, vemos que a pena para qualquer tipo de estupro era a morte, pois é um pecado comparado ao assassinato.

No entanto, há outro detalhe que deve ser observado quando lemos os textos, principalmente da Torá. O Eterno deu estes mandamentos para a nação de Israel em uma determinada situação socio cultural, e dentro de um objetivo específico.

Quando Deus deu a Israel suas leis, Ele tinha o propósito de fazer de Israel uma nação sacerdotal. Uma nação que vivesse um conjunto de regras que espelhasse para outras nações o caráter e a santidade de Deus.

Por isso, vemos que há na Torá muitos pecados que deveriam ser punidos com a morte. Normalmente os pecados de idolatria, adultério, rebelião contumaz contra os pais, assassinato e estupro eram punidos com a morte.

Mas será que é o desejo de Deus matar todos os que cometem tais pecados?

A penalidade deveria ser aplicada por duas razões bem distintas. Primeiro, para preservar a santidade do povo de Israel e preservar a sua missão de nação sacerdotal diante de todos os povos. Segundo, alertar a todos os povos a severidade de tais pecados e a necessidade de arrependimento deles.

Neste caso, é certo afirmar que, o mandamento de Deus para Israel e para todos os povos era: Não idolatrar, não adular, não assassinar, mas a penalidade sobre tais transgressões são frutos de uma circunstância e de um propósito que se aplica unicamente a Israel¹⁴.

Por isso nunca vimos no novo testamento os apóstolos e discípulos de Jesus apedrejando e matando transgressores da lei, porque o propósito de Deus é primeiramente chamar as pessoas ao arrependimento e a conversão à Deus.

¹⁴ Mesmo entre os judeus existe a doutrina de que os mandamentos da Torá são formados por um “Klipá” (concha, revestimento) e uma polpa. Neste ensino, as penalidades são o Klipá, que podem e devem ser adaptados conforme as circunstâncias, para que a “polpa” (o princípio moral) do mandamento seja observado.

Mesmo na história de Israel vemos que sempre houve a possibilidade de arrependimento e perdão, este princípio nunca foi desprezado. O caso mais claro disto foi o rei Davi que assassinou e adulterou, e mesmo assim, diante do arrependimento, teve seu pecado perdoado, embora teve de lidar com as consequências graves de seu pecado que atingiu a sua casa.

Assim, vemos que essa crítica a respeito da Bíblia, de que sua moral não é aplicada ao nosso tempo, parte de uma leitura equivocada e descontextualizada dos textos bíblicos, além de ser uma leitura pouco sincera da realidade da sociedade atual.

A Bíblia declara abertamente que a conduta libertina de nossa sociedade é imoral, e que o resultado das práticas hora ovacionadas pela sociedade atual trará como consequência a destruição. Não precisamos de muito para observar os rumos que nossa geração está trilhando e vemos suas consequências nefastas agindo sobre a nossa sociedade como um todo.

A libertinagem de nosso tempo tem produzido pessoas fracas, que não suportam ouvir verdades, que não tem a coragem de reconhecer seus próprios erros, que não conseguem refrear a violência nem impor a ordem e o respeito. Assim como aconteceu com o império romano, que caiu envolvida em diversas imoralidades, nossa sociedade contemporânea caminha a passos largos para a destruição.

Conclusão

A veracidade da Bíblia pode ser provada por diversas evidências arqueológicas e históricas. Mas o atributo da Bíblia que mais torna evidente a nossa confiança em sua veracidade é o seu aspecto profético.

Quando olhamos para a Bíblia e para os dias atuais, vemos que a Bíblia é atualíssima. Ela descreve que haveria um tempo em que a ciência haveria de se multiplicar, e que as pessoas correriam pela terra de uma parte a outra. Isso nunca foi tão atual como em nossos dias.

“E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará.” Daniel 12:4.

As palavras ditas a Daniel parecem um retrato falado da nossa sociedade atual. Mas a revelação profética não para por aí. Temos na Bíblia revelado tudo o que iria acontecer com o povo de Israel, devido às suas desobediências. A própria Torá registra o que haveria de acontecer milênios à frente de seu tempo.

“Hoje tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra, que certamente logo perecereis da terra, a qual passais o Jordão para a possuir; não prolongareis os vossos dias nela, antes sereis de todo destruídos. E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as nações às quais o Senhor vos conduzirá. E ali servireis a deuses que são obra de mãos de

homens, madeira e pedra, que não vêem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram. Então dali buscarás ao Senhor teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma. Quando estiverdes em angústia, e todas estas coisas te alcançarem, então nos últimos dias voltarás para o Senhor teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor teu Deus é Deus misericordioso, e não te desampará, nem te destruirá, nem se esquecerá da aliança que jurou a teus pais.” Deuteronômio 4:26-31.

Da maneira como Deus disse aconteceu, Israel foi espalhado entre todos os povos debaixo dos céus após a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Muitos teólogos associam esta profecia ao que aconteceu aos judeus que habitavam a península ibérica nos séculos XV até o século XVIII, onde eles foram vítimas da inquisição espanhola¹⁵. E a restauração do estado moderno de Israel em 1948 d.C. é, sem dúvida, resposta da promessa de Deus à nação de Israel.

Os ensinamentos da Bíblia são atualíssimos para nós. As palavras de Jesus são atemporais. Seu chamado ao arrependimento se estende à todas as gerações, e as consequências dos pecados da humanidade nunca foram diferentes daquilo que a Bíblia anunciou que seria.

Diante de todo esse cenário, temos a total convicção de que a Bíblia é exatamente aquilo que ela diz ser: a Palavra de Deus. Pois, somente Deus poderia ter condições de fazer tais revelações, apresentar ensinamentos tão profundos e práticos ao mesmo tempo, e velar pela sua Palavra para que ela se cumprisse.

Mas nenhum desses argumentos é mais impressionante do que o testemunho dos milhares de cristãos que tiveram suas vidas transformadas, e testemunharam um verdadeiro contato com Deus ao se disporem a crer em tudo aquilo que a Bíblia ensina.

Isso nos leva à verdade mais profunda das Escrituras, a de que ela deve ser escrita no coração do homem. É através de uma ação sobrenatural de Deus, na vida daqueles que o amam e se rendem à Ele, que a vida do indivíduo é transformada pela santificação.

O simples conhecimento bíblico por trazer algumas vantagens, alguma moral mais rebuscada. Mas é a experiência com o Deus da Bíblia que tem o poder de colocar a Bíblia dentro do coração do homem.

De fato, apenas através da fé em Jesus, na sua expiação provida em nosso favor, que nos purifica dos nossos pecados, que podemos ter uma consciência transformada e amoldada pela Palavra de Deus. A essa experiência damos o nome de conversão.

São esses cristãos transformados pelo poder de Deus que são as verdadeiras testemunhas da obra de Jesus Cristo, e que até hoje são os que podem falar com melhor propriedade sobre a veracidade das Escrituras, como Jesus mesmo disse:

¹⁵ A inquisição espanhola iniciou-se em 1478, por Fernando II de Aragão e Isabel de Castela, durante o final do período conhecido como “A Reconquista”, onde os territórios hispânicos tomados pelos mouros foram reconquistados pelos reis cristãos.

“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” Atos 1:8.

Se você também deseja experimentar tal transformação em seu viver, creia em Jesus Cristo e em sua Palavra. Aceite o convite de arrependimento que está estampada na Bíblia, e procure conhecer a Vontade de Deus através do estudo da Bíblia. Tenho certeza de que sua mente e seu coração serão totalmente transformados pela revelação da Bíblia, através da ação do Espírito Santo em você.

Deus o abençoe!